

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS  
EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA - PORTO ALEGRE  
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA**

**DANIELA ALVES DA SILVA**

**A SABEDORIA QUE VEM DA TERRA:  
Diálogos entre Mulheres, Plantas Medicinais e o  
Ensino de Ciências da Natureza**

**PORTO ALEGRE**

**2019**

**DANIELA ALVES DA SILVA**

**A SABEDORIA QUE VEM DA TERRA:  
Diálogos entre Mulheres, Plantas Medicinais e o  
Ensino de Ciências da Natureza**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Educação do Campo/Ciências da Natureza - Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Educação do Campo/Ciências da Natureza.

**PORTO ALEGRE 2019**

DANIELA ALVES DA SILVA

**A SABEDORIA QUE VEM DA TERRA:  
Diálogos entre Mulheres, Plantas Medicinais e o  
Ensino de Ciências da Natureza**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Educação do Campo/Ciências da Natureza - Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Educação do Campo/Ciências da Natureza.

Linha de pesquisa: Memórias, Saberes e Fazeres em Desenvolvimento do Campo e Agroecologia.

Orientador: Prof. Dr. Dilmar Luiz Lopes

Coorientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Marilisa Bialvo Hoffmann

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Valéria Viana Labrea - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Prof<sup>a</sup> Dr. Jaime José Zitzkoski - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a vida. A cada sorriso e a cada abraço que compartilhei até aqui.

Agradeço ao presente por me oportunizar a existir.

Agradeço a minha senhora mãe Eloi e as minhas irmãs Leidi Daiane e Leticia.

Ao meu companheiro Leandro pela paciência e amor.

Agradeço as pessoas maravilhosas que não me deixaram sozinha e acalentaram meu coração.

Agradeço as Escola E.M Eldorado do Sul e Escola E.F. Sergipe por me acolherem e sempre estarem com as portas abertas. Fica aqui registrado meu enorme carinho pelas professoras Claudete, Rejane, Inês e Elis.

Agradeço a todas as mulheres assentadas do MST e MTD mulheres de luta. Junto delas descobri a força e o amor que existem dentro de mim e foi com elas que aprendi a observar, escutar e a respeitar a natureza.

Agradeço a Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a todas as professoras e os professores que contribuíram com meu aprendizado e formação, em especial Marilisa, Dilmar, Dani Noal.

Agradeço aqui também meus colegas de percurso e agora colegas de profissão.



## RESUMO

A pesquisa foi realizada junto de mulheres do Assentamento Integração Gaúcha, organizado pelo Movimento de Trabalhadores Sem Terra - MST, localizado no município de Eldorado do Sul, estado do Rio Grande do Sul. O objetivo foi conhecer os saberes acerca das plantas medicinais e como os mesmos são organizados e aplicados no cotidiano das mulheres agricultoras assentadas. Com embasamento metodológico em Minayo (1994), no que se refere a coleta e ao tratamento de dados em caráter quantitativo e qualitativo, e apoiando-se em entrevistas semi estruturadas, análises de observações e registros escritos, a pesquisa articulou saberes formados através do uso e do cultivo de plantas medicinais. O resultado da presente pesquisa mostrou que a organização e aplicação dos saberes construídos sobre as plantas medicinais das mulheres do Assentamento da Reforma Agrária Integração Gaúcha é articulado e harmonizado a partir de elementos cotidianos como, por exemplo, no trabalho com a terra (atividades agrícolas), em atividades domésticas, familiares e em atividades coletivas. A transmissão desses saberes em relação às plantas medicinais são expressos e repassados com mais frequência pela oralidade através das gerações familiares. Nesse sentido, destacou-se a importância da análise proposta, onde se identificou a construção e organização desses diversos saberes presentes no uso e cultivo de ervas medicinais, pelo viés da Educação do Campo na área de Ciências da Natureza, articulando assim, práticas integrativas autônomas e representativas que visem diferentes conhecimentos pautados nas múltiplas realidades e vida destas mulheres.

Palavras chave: plantas - medicinais, saberes locais, ciências da natureza, mulheres

## ABSTRACT

## RESUMEN

La investigación se llevó a cabo entre mujeres del Acuerdo de Integración Gaucho, organizado por el Movimiento de Trabajadores Sin Tierra (MST), ubicado en el municipio de Eldorado do Sul, estado de Rio Grande do Sul. El objetivo era conocer los conocimientos sobre las plantas medicinales y cómo hacerlo. Se organizan y aplican en la vida cotidiana de mujeres agricultoras establecidas Con una base metodológica en Minayo (1994), con respecto a la recopilación y el procesamiento de datos de carácter cuantitativo y cualitativo, y en base a entrevistas semiestructuradas, análisis de observaciones y registros escritos, la investigación articuló el conocimiento formado a través del uso. y el cultivo de plantas medicinales. El resultado de la presente investigación mostró que la organización y aplicación del conocimiento construido sobre las plantas medicinales de las mujeres del Acuerdo de Integración de la Reforma Agraria Gaúcha se articula y armoniza a partir de elementos cotidianos como el trabajo con la tierra (actividades agrícolas). , en actividades domésticas, familiares y en colectivas. La transmisión de estos conocimientos en relación con las plantas medicinales se expresa y se transmite más frecuentemente por la oralidad a través de las generaciones familiares.

En este sentido, se resaltó la importancia del análisis propuesto, donde se identificó la construcción y organización de estos diversos conocimientos presentes en el uso y cultivo de hierbas medicinales, por el sesgo de Field Education en el área de Ciencias Naturales, articulando así las prácticas autónomas integradoras. y representaciones que apuntan a diferentes conocimientos basados en las múltiples realidades y la vida de estas mujeres.

Palabras clave: plantas medicinales, conocimiento local, ciencias naturales, mujeres.

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1 - Principais Atividades Agrícolas da família.....</b>	<b>25</b>
<b>Tabela 2 -Calendário de Cultivo.....</b>	<b>27</b>
<b>Tabela 3 - Formas de cultivo.....</b>	<b>27</b>
<b>Tabela 4 - Uso e produção de plantas medicinais.....</b>	<b>27</b>
<b>Tabela 5 - Comercialização de plantas medicinais .....</b>	<b>27</b>
<b>Tabela 6 - Plantas Medicinais cultivadas conhecidas e mais usadas .....</b>	<b>28</b>
<b>Tabela 7 - Principais usos das plantas medicinais .....</b>	<b>29</b>
<b>Tabela 8 - Possíveis indicadores temáticos para a Educação do Campo Ciências da Natureza através das Plantas Medicinais .....</b>	<b>34</b>



## **LISTA DE FIGURAS**

**Figura 1 - Município de Eldorado do Sul -RS ..... 22**

**Figura 2 - Assentamento Integração Gaúcha / de Eldorado do Sul -RS .....24**

## LISTA DE ABREVIATURAS

- COOTAP - Cooperativa dos Trabalhadores Assentados da Região de Porto Alegre
- CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
- IRGA - Instituto Rio Grandense do Arroz
- MST - Movimento do Trabalhadores sem Terra
- PAA - Programa Nacional de Aquisição de Alimentos -
- PNAE - Programa Nacional de Alimentação Escolar
- PRONERA - Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária
- RMPA - Região Metropolitana de Porto Alegre
- SUS - Sistema Unico de Saude
- UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- UnB - Universidade de Brasília
- UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação e Cultura
- UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a infância

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO CONCEITUAL</b>	<b>13</b>
<b>2.1 Aspectos históricos da mulher em relação a produção e aplicação de saberes acerca da natureza.</b>	<b>13</b>
2.2 A relação das mulheres do campo com a terra	16
2.3 Aspectos Históricos das Plantas Medicinais	19
<b>3. METODOLOGIA</b>	<b>21</b>
3.1 Aspectos Metodológicos da Pesquisa	21
3.2 Assentamento Integração Gaúcha	25
<b>4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS</b>	<b>26</b>
4.1 Participantes da Pesquisa	26
3.3 Finalidade do uso de plantas medicinais pelas mulheres assentadas	32
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>35</b>
<b>6. REFERÊNCIAS</b>	<b>39</b>
<b>APÊNDICES</b>	<b>44</b>
APÊNDICE A - Entrevista semi estruturada	44

## 1. INTRODUÇÃO

A relação entre as mulheres e a natureza é antiga. A começar de observações e experimentações específicas de elementos que a compõem. As mulheres construíram e organizaram durante séculos múltiplas formas de saberes e aprendizagens em relação a natureza, sendo aplicados em diferentes momentos e de diversas maneiras, inclusive utilizando as plantas medicinais em suas práticas.

A soma desta longa produção de conhecimentos em relação às plantas medicinais são reveladas e transmitidas ao longo do tempo, sendo assim, é possível perceber tais produções em diversas manifestações individuais e coletivas, como por exemplo: na oralidade; culinária; artesanias; literaturas; artes; poesias; música; medicina; filosofia; educação; trabalho com a terra e pelo/no autocuidado individual<sup>1</sup>. Também são transmitidas em práticas coletivas, como: em trocas de experiências e diálogos através das rodas de conversa e de cura; festividades religiosas; e na geração de vida. O presente estudo justifica-se pela concepção, organização e transmissão dos saberes produzidos a partir do uso e cultivo de plantas medicinais.

Frente a isso, o problema norteador da pesquisa assentou-se em verificar como *são organizados e aplicados os saberes acerca do uso e cultivo de plantas medicinais das mulheres agricultoras do Assentamento Integração Gaúcha - Irga* e como se dá a relação entre mulher, natureza e produção de saberes locais<sup>2</sup> a partir do uso e cultivo de plantas medicinais.

---

<sup>1</sup> Para definir o termo autocuidado individual da mulher fiz uma pesquisa na internet, procurei bibliografias, artigos, textos de blogs, redes sociais, dicionário físico e online, o conceito autocuidado apareceu principalmente no que se diz respeito a saúde e auto estima. Apesar de não ainda existir um conceito definido sobre autocuidado, para a presente pesquisa gostaria ainda de acrescentar que a ideia de autocuidado, é compreendida por mim como algo individual, entendo como um cuidado que a mulher tem pelo seu próprio corpo. A forma que a mulher preserva o bem estar e auto estima, como equilibra, modifica, observa ou cura modificações cíclicas biológicas e de fertilização em seu corpo. Ainda me refiro ao autocuidado individual, no que diz respeito de como a mulher compreende e trabalha internamente e individualmente elementos sociais, políticos e econômicos, tal como elementos culturais, de trabalho produzidos em nossa sociedade atual.

<sup>2</sup> “O saber local abrange conhecimentos detalhados de caráter taxonômico sobre constelações, plantas, animais, fungos, rochas, neves, água, solos, paisagens e vegetação ou sobre processos geofísicos, biológicos e ecológicos, tais como movimentos da terra, ciclos climáticos ou hidrológicos, ciclos de vida, períodos de floração, frutificação, germinação, cio ou nidação e fenômenos de recuperações de ecossistemas (sucesso ecológico e manejo de paisagens)” (Toledo, Victor M, 2015, p 97)

A fim de responder a questão *objetivou - se em analisar como os saberes sobre as plantas medicinais são concebidos, organizados e aplicados no cotidiano das mulheres agricultoras assentadas do Irga, além de analisar as diversas formas que esses saberes sobre as plantas medicinais são transmitidos cotidianamente na vida destas mulheres.*

Assim, o texto estrutura-se em quatro capítulos além da introdução. O primeiro capítulo discorre sobre um resgate histórico da relação da mulher com a natureza. Aborda-se a respeito de saberes e conhecimentos produzidos por mulheres e o apagamento desses saberes produzidos durante os séculos. O mesmo capítulo faz ainda um contexto acerca das plantas medicinais por meio do diálogo com os fundamentos teóricos que embasam a investigação.

No segundo capítulo, apresenta-se a proposta metodológica da pesquisa, contendo o delineamento metodológico seguido para responder aos objetivos pretendidos. No terceiro capítulo, apresenta-se a análise dos resultados e no quarto as considerações finais correspondentes aos objetivos pretendidos com a presente pesquisa.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO CONCEITUAL**

### *2.1 Aspectos históricos da mulher em relação a produção e aplicação de saberes acerca da natureza.*

Durante séculos ou até milênios a natureza e seus ciclos estavam presentes de uma forma íntima e intrínseca com os seres humanos. Desde as observações do céu e seus astros, a lua e as marés, o sol, as dinâmicas da terra, entre outros fenômenos naturais, todos de alguma forma eram relacionados com seus próprios ciclos menstruais e biológicos.

Existe uma vasta bibliografia que aborda sobre a relação do ser humano com a natureza. Entre essas autoras e autores, aqui quero destacar Zuleika Alambert, que em seu livro “A mulher na história” comenta que:

vivendo em meio hostil, os seres humanos tinham que se manter agregados (...) logo não havia uma superioridade cultural entre homens e mulheres. Ninguém disponha de propriedade. A família não existia e, portanto, a desigualdade era desconhecida. Com o avanço das sociedades pré históricas a organização passou a ser em pequenos grupos (hordas) e depois em famílias e tribos (2004, p. 27).

Alambert (2014, p. 27) comenta que a primeira forma de organização coletiva eram nomeadas como genes comunitárias, que a partir daí o ser humano construiu o primeiro passo

da evolução humana, as genes ou tribos eram formados pela união de grandes grupos humanos vinculados por parentescos.

A partir destas organizações comunitárias as mulheres conservavam um papel predominante, trabalhavam a terra, domesticavam animais, cuidavam das crianças, velhos e doentes, além de criar vasilhames, utilizar o fogo, preparar unguentos, poções, enquanto o homem ia à caça dos alimentos.

A observação e a predominância das mulheres em algumas atividades consentiu a experimentação, utilização e catalogação de diversos elementos da flora e fauna como também o acompanhamento de fenômenos e ciclos naturais, assim construindo e organizando saberes acerca da natureza e os elementos que a formam. “Até então a Terra, local onde crescem plantas e nasce a vida animal, liga-se simbolicamente ao corpo feminino de onde surge a vida”, explica Garcia (2009, p. 12), assim é possível afirmar que o repertório de signos, símbolos, conceitos e percepções produzidos a partir da observação e interação com a natureza, eram ligados e utilizados, tal como para explicar fenômenos biológicos, sociais e culturais tal como por exemplo a fertilidade, vida e morte, e para a subsistência da própria espécie humana.

Garcia (2009) e Alambert (2014) comentam que o surgimento do arado e o desenvolvimento da agricultura, os papéis dos homens e das mulheres passam a ser vistos com diferença. Conforme Garcia (2009, p. 12 ):

A imagem do animal na canga puxando arado sob um chicote inaugura as novas formas de relações humana dando lugar aos escravos coagidos pelo trabalho. A agricultura de arado promoveu a substituição dos gêneros na produção agrária, a mulher monopoliza a coleta e a horta, e o homem a produção de comida, arando com animais. Com a transformação do homem em agricultor, a terra adquire novo sentido, agora é algo que se possui, repassado pela linhagem masculina. Foram banidas as noções de terra comunal cuja descendência matrilinear marcava o mundo dos caçadores, coletores agricultores.

A partir das modificações nos modelos de sobrevivência e sociedade, o masculino toma lugar de destaque e enxerga a natureza e a mulher como parte integrante da natureza, como algo a ser dominado, além das contribuições de Garcia e Alambert, aqui quero frisar o comentário da autora Ávila que complementa:

Em relação à natureza, uma concepção fundante desses dois sistemas de poder é a da natureza como algo a ser dominado. É do princípio da própria formação capitalista a proposição de dominar a natureza, e do princípio também patriarcal a dominação da natureza. E essa é uma dimensão que está imbricada, e que, justamente, é parte da coextensividade entre capitalismo e patriarcado.  
(ÁVILA, 2010, p. 26)

Junto da dominação da natureza, a mulher também passa a ser o primeiro ser humano, dominado por outro ser humano, criando uma nova categoria nas modificações de modelos de sobrevivência e sociedade. Ainda Garcia (2009, p. 12) menciona que:

O trabalho feminino foi identificado com o trabalho escravo e a mulher da família definida como escrava de alto padrão, embora acima da categoria dos escravos conquistados. Na lei patriarcal, as mulheres, escravos, animais e terras estão simbólica e socialmente ligados entre si. Todos são propriedades e instrumentos de trabalho possuídos e controlados pelo senhor de tudo e todas.

Os saberes que foram construídos posteriormente, surgem dentro dessas novas práticas econômicas e culturais com novos signos e novas relações. Com influências de pensamentos filosóficos, políticos, científicos, os saberes e conhecimentos até então produzidos por mulheres em torno da natureza e seus elementos foram sendo substituídos por discursos majoritariamente masculinos onde a filósofa PACHECO comenta:

Ao longo dos séculos, as mulheres foram representadas de modo pequeno e inferior, não sendo concedida a elas a capacidade racional e intelectual, deixando - as reclusas em espaços restritos, e assim, impedidas de exercer qualquer atividade ligada ao intelecto e ao bem público. Deste modo, elas não tiveram oportunidade de mostrar que suas capacidades e habilidades, transgrediram o núcleo dos afazeres domésticos. (2015, p.15)

A circulação em espaços de produção de conhecimentos científicos e de pensamento foi negado às mulheres. Em grandes períodos os saberes e conhecimentos acerca da natureza produzidos e organizados por mulheres foram vistos como algo demoníaco ou como algo sem importância, baseado em misticismos ou algo arcaico.

Assim seguiu em outros momentos históricos o apagamento e o abafamento das produções feitas por mulheres. Por conta deste apagamento e abafamento proposital, saberes e conhecimentos intelectuais ligados às mulheres desapareceram ou homens levaram todos os créditos por eles, assim o papel da mulher limitou - se em tarefas relacionadas à conservação e manutenção da família, atividades ligadas a horta e animais de pequenos porte como galinhas, patos, vacas e cabras. O colonialismo europeu e ocidental<sup>3</sup> deixou profundas marcas

---

<sup>3</sup>Korol (2016, p. 27) cita Lorena Cabnal sobre o colonialismo europeu e ocidental: “La relación que los cuerpos tenían con la tierra antes de la colonización fue destruida. Se instaló un control social y territorial, de expropiación de la tierra y de los cuerpos, y se construyeron repúblicas, países, fronteras y estados. La vida de los pueblos originarios, y de las mujeres indígenas en particular, fue sometida por el poder y control totalitario de un estado-nación colonial. Es en este marco en el que hemos nacido y vivimos hoy el pueblo maya, el xinka y otros pueblos hermanos en Abya Yala y todas las mujeres, ya seamos indígenas, afrodescendientes, mestizas, migrantes o como definamos nuestras identidades territoriales o políticas”.

nas mulheres. No mesmo ritmo que a mulher, a natureza também passou por diversas interpretações, modificações e destruições causadas pela ação homem como a Revolução Científica, Revolução Industrial e mais particularmente no Brasil com a Revolução Verde.

Dessa maneira a produção, organização e aplicação dos saberes e conhecimentos produzidos por mulheres ao percorrer a linha histórica das sociedades humanas foram sendo modificadas e em cada período histórico foram ganhando novos paradigmas, mudando radicalmente a relação da mulher com a natureza e a sua produção de conhecimento.

## *2.2 A relação das mulheres do campo com a terra*

A partir dos anos 60 e 70 o espaço rural do Brasil sofreu profundas mudanças, sobretudo na mulher camponesa, com a Revolução Verde e sua modernização tecnológica pautada na comercialização e uso de pacotes tecnológicos e na concentração de terras. Moreira (2000, p, 44) aponta três componentes críticos acerca da Revolução Verde no Brasil:

O primeiro é uma crítica técnica no que diz respeito à relação herdada entre ser humano e natureza; O segundo expressa uma crítica social, onde nos remete, à esfera sociopolítica e às questões de equidade e justiça social; Já o terceiro componente é de uma natureza econômica, associadas às crises do petróleo que resultaram o uso intensivo de agrotóxicos, a escassez de recursos naturais e mudanças climáticas.

As mulheres que permaneceram nas zonas rurais, que não migraram ou não foram expulsas do campo para a cidade através do êxodo rural resultante da introdução de um novo modelo econômico e político, continuam atualmente sendo profundamente atingidas por modelos impostos e construídos em sua grande maioria por homens, onde a produção, a organização dos saberes e conhecimentos construídos na prática cotidiana e local dão lugar a uma nova modernização agrícola e de sociedade global. PETERSEN ( 2015, p.11) descreve que:

essa incorporação de tecnologias trata-se de uma imposição de racionalidade econômica centrada no lucro, na produção de escala, na especialização funcional, no individualismo e na competição, rotulando como atrasadas todas as visões e vivências incongruentes no com o paradigma agrícola moderno.

Com a imposição de um novo modelo de agricultura proposto pela Revolução Verde, mulheres do campo ao longo dos estágios, tem mudando seu vínculo de produção e organização de saberes acerca da natureza e dinâmicas produzidas a partir do trabalho com a terra.



Petersen (2015, p. 11) traz que:

ruptura histórica que tornou irrelevante a produção local de conhecimentos processou um memoricídio cultural, bem como sua transmissão entre gerações, que tentou impor a eliminação de espaços para o exercício da criatividade e espontaneidade dos atores locais, mas isso não fez que diferentes formas de resistência e de recriação cultural fossem ativas.

Refletir sobre a produção e aplicação dos saberes das mulheres do campo acerca das plantas medicinais, é também ter um olhar crítico e especial sobre o acesso a terra, reprodução e autonomia.

A produção de saberes está ligado intimamente com um modo social, econômico, político e culturais vigentes. Este modelo de sociedade é baseados em valores e regras que ignoram as singulares e múltiplas formas de existências das mulheres, onde em todas as situações de ordem coletiva e individual, as mulheres do campo não são contempladas e não tem participação nos processos de decisão dentro da sociedade. É preciso ressaltar que no decorrer de períodos históricos houve avanços significativos em relação a aspectos de produção, reprodução e participação das mulheres em diversos setores da nossa atual sociedade, e que o resultado dessas lutas possibilitaram e garantiram direitos em constituições e a inserção em espaços de produção de conhecimento e trabalho, para mulheres do campo e da cidade.

Mas ainda assim, as diferenças provocadas pelo modo em que sociedade está organizada, apenas alguns grupos étnicos, sociais e culturais de mulheres tem benefícios diretos, resultados de processos organizativos dessas mulheres, mas questões sociais, étnicas, de raça, de classe, territorialidade e questões culturais na maioria das vezes não complementadas e não tem representatividades legítimas, gerando assim novamente a reprodução de uma estrutura de sociedade dividida em classes sociais, com culturas homogêneas e generalista, sobretudo nos territórios latinos americanos. Reflexo desses movimentos é as várias violências que ainda persistem na vida de mulheres do campo.

Entre essas considerações levantadas, ainda assim existe uma luta histórica, que envolve as mulheres do campo e a luta pelo acesso ao trabalho e permanência na terra. Korol (2016) em seu livro “Somos tierra, semilla, rebeldía” levanta alguns dados preocupantes e desafiadores sobre a questão das mulheres do campo em relação ao acesso e trabalho na terra na América Latina:

Actualmente se calcula que existen en el mundo 1.600 millones de mujeres campesinas (más de la cuarta parte de la población), pero sólo el 2% de la tierra es propiedad de ellas y reciben únicamente el 1% de todo el crédito para la agricultura (...) En América Latina y El Caribe, según la Organización de las Naciones Unidas para la Agricultura y la Alimentación (FAO), la población rural asciende a 121 millones de personas, lo que corresponde al 20% del total de la población. De este total, el 48% son mujeres (58 millones), que trabajan hasta 12 horas diarias a cargo de la huerta, de los animales, recolectando y cocinando alimentos, criando a niñxs, cuidando a personas mayores y a enfermxs, entre otras muchas tareas. KOROL (2016, p.9).

Korol (2016, p 10) ainda traz importantes recortes étnicos, sociais e de trabalho e renda das mulheres do campo da America Latina:

Más de 4 millones son consideradas “productoras agropecuarias”. Se calcula que 9 millones de estas mujeres son indígenas, hablan su propia lengua, y están sujetas – en la mayoría de los casos – a una doble o a veces triple discriminación, por el hecho de ser mujeres, pobres e indígenas. A pesar del exceso de trabajo (tanto en carga horaria como en las tareas que se asumen), y de su participación directa en determinadas tareas de la agricultura, y de modo mayoritario en la agricultura de subsistencia, la mayoría de las mujeres rurales no son propietarias de la tierra, y su actividad no es considerada “productiva”.

É possível perceber que apesar da grande participação das mulheres do campo em atividades agrícolas ainda o racismo, preconceito, violência física e psicológica estão presentes. A falta de incentivos públicos e de acesso a créditos fazem que as mulheres permaneçam em situações de vulnerabilidade social, afetando tragicamente e diretamente a vida das mulheres do campo, pois através do acesso e trabalho com a terra é que se desenvolvem e se expressam os múltiplos saberes em relação a natureza, modos comunitários e de autonomia.

Negar o acesso e o trabalho a terra é romper o fortalecimento, a reinvenção, a organização e aplicabilidade de saberes produzidos por mulheres do campo acerca da natureza ligados a agricultura, a sua comunidade e a aspectos de identidades e cultura construídos e preservados ao longo dos períodos.

Nesse sentido o acesso e o direito pela terra, assim como políticas públicas eficazes de valorização e acessibilidade a créditos devem fazer parte da reflexão e debates acerca da permanência e o desenvolvimento da mulher no campo e seu protagonismo. Pensar a produção de saberes através da relação com a natureza nos remete a movimentos de ruptura necessários e de resgate aos saberes ancestrais construídos em cada época passada, indispensáveis na conservação e modos de vida de cada mulher do campo para o presente e o futuro.

Daí ser desafiador pensar o quanto a luta dos povos do campo, organizados e puxados por mulheres podem representar rupturas diárias com essas marcas históricas de exclusão, subordinação e a redução de desigualdades de gênero. A capacidade de organização e de mobilização das mulheres é algo fundamental que deve ser levado em conta, pois permite às mulheres, nesse caso, às mulheres assentadas, valorizar sua identidade, construindo uma nova inserção na sociedade, resgatando o valor do seu trabalho, bem como respeitando e preservando as manifestações de vida.

### *2.3 Aspectos Históricos das Plantas Medicinais*

As plantas medicinais tem registros históricos. Para Pires (1984, p. 65):

Planta medicinal é qualquer vegetal produtor de drogas ou substâncias bioativas utilizadas direta ou indiretamente como medicamento. Os compostos químicos, ou grupos de compostos químicos que constituem os princípios bioativos da drogas, não são meros subprodutos do metabolismo secundários das plantas que os produzem. Mas, constituem respostas químicas dos seus mecanismos de integração com o ambiente.

Mas tal como os saberes e conhecimentos produzidos e aplicados por mulheres, muitos registros e saberes acerca das plantas medicinais se perderam no desenvolvimento da história humana, as plantas medicinais também sofreram apagamentos por fenômenos naturais, migrações e, principalmente, pela ocorrência da interferência do ser humano e também por invasões e colonizações europeias, que impuseram seus costumes, alterando realidades socioculturais e econômicas.

No nosso território brasileiro existe uma grande diversidade de plantas medicinais. Plantas medicinais nativas e plantas introduzidas por outras culturas, através da imigração, da escravidão e da igreja católica através dos jesuítas.

No Brasil, são consideradas cinco regiões em abundância de espécies medicinais: Floresta Amazônica, Mata Atlântica, Pantanal Matogrossense, Cerrado e Caatinga. Algumas dessas regiões possuem plantas medicinais indicadas popularmente, das quais ainda não foram realizados estudo químico, farmacológico ou toxicológico. (ALMEIDA, 2014, p. 56)

Almeida (2014) comenta que as culturas dos povos originários do continente Africano e dos povos originários da América Latina, desempenharam importantes influências na utilização e na produção de saberes acerca das plantas medicinais:

a presença das plantas medicinais nas comunidades indígenas foram por sua vez documentadas e observadas na grande maioria por expedições científicas ligadas à igreja e as ocupações europeias no período colonial do Brasil. Além das contribuições dos povos negros e nativos, os imigrantes europeus e orientais contribuíram com a organização e produção de novos saberes populares acerca das plantas medicinais no Brasil” (ALMEIDA, 2014, p. 59).

A diversidade cultural e étnica que se estabelece no Brasil faz que o uso das plantas medicinais tenham múltiplos sentidos e funções dentro de cada cultura. Os saberes acerca das plantas medicinais construídos e organizados pelos povos no Brasil são expressos através da cultura, religiosidade e atividades comunitárias, as plantas medicinais são prescritas através do uso de raízes, sementes e cascas, banhos, ebós e outros propósitos ritualísticos e espirituais.

Essa diversidade de plantas medicinais nativas e introduzidas por diferentes culturas, bem como as culturas que emergem no Brasil, serviram para serem recriados e reorganizados os saberes acerca das plantas medicinais. Conforme cada região do Brasil as plantas medicinais recebem diversos nomes populares e são utilizadas de diversas formas, esses modos e saberes acerca das plantas medicinais pode ser justificada pela pluralidade étnica e cultural existentes:

Plasmaram historicamente diversos modos rústicos de ser dos brasileiros, que permitem distingui-los, hoje, como sertanejos do Nordeste, caboclos da Amazônia, crioulos do litoral, caipiras do Sudeste e Centro do país, gaúchos das campanhas sulinas, além de ítalo-brasileiros, teuto-brasileiros, nipo-brasileiros etc. Todos eles muito mais marcados pelo que têm de comum como brasileiros, do que pelas diferenças devidas a adaptações regionais ou funcionais, ou de miscigenação e aculturação que emprestam fisionomia própria a uma ou outra parcela da população. (RIBEIRO, 1995, p. 21)

Ou em Petersem que ressalta:

O importante papel desempenhado pelas novas culturas resultantes da mestiçagem entre povos originários, descendentes de europeus e população de ascendência africana. Essa nova onda de recriação cultural, que torna o Brasil particularmente diverso, faz com que o estudo da memória biocultural se estenda para além dos indígenas, incluindo outros grupos, como seringueiros, camponeses, caboclos, caiçaras, pantaneiros, quilombolas e pescadores artesanais (2015, p 20).

Por essa ótica, os grupos étnicos e sociais de diversas regiões do Brasil, a partir dos seus modos de vida produzem, organizam e inserem novos saberes acerca da natureza e seus elementos em sua prática à manutenção da vida.

Com essa interação de diferentes culturas, modos de vida as plantas medicinais ganham múltiplas utilidades em diversos processos dentro de cada influência e propósitos que cada grupo étnico carrega em sua concepção de mundo, contribuindo com a diversidade presente e espalhada por todo o território brasileiro.

### **3. METODOLOGIA**

No presente capítulo, apresenta-se a proposta metodológica da pesquisa, contendo o delineamento metodológico seguido para responder aos objetivos pretendidos. Os resultados estão apresentados de acordo com os depoimentos emergidos das entrevistas. São descritos os dados sociodemográficos; e a seguir são descritos os conteúdos referentes às entrevistas e às observações registradas no diário de campo.

#### *3.1 Aspectos Metodológicos da Pesquisa*

Na perspectiva de Minayo (1994) entende-se como metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade, ainda comenta que a metodologia inclui as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade e o sopro divino do potencial criativo do investigador. A fim de esclarecer melhor o objetivo da presente pesquisa, como também auxiliar na análise de dados e organização dos resultados, optou-se por procedimentos metodológicos do tipo exploratório e descritivo estruturados a partir de uma pesquisa qualitativa e quantitativa.

Para Minayo (1994, p, 22) a diferença entre qualitativo e quantitativo é de natureza, enquanto uma forma se ocupa em dados visíveis, ecológicos morfológicos e concretos a outra aprofunda - se no mundo dos significados das ações e relações humanas, ainda comenta que: “O conjunto de dados quantitativos e qualitativos porém não se opõem. Ao contrário, se complementam, pois na realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia” (1994, p, 22). Neste seguimento, o universo da pesquisa consiste na

identificação de como são organizados, aplicados e transmitidos os saberes acerca das plantas medicinais produzidos pelas mulheres agricultoras assentadas no Assentamento Integração Gaúcha, localizado na cidade de Eldorado do Sul, que segundo dados do IBGE tem uma população estimada de 40.643 habitantes. A cidade é pertencente a região metropolitana do município de Porto Alegre, conta ainda com uma área de 509,699 km<sup>2</sup>, suas principais atividades econômicas são concentradas no ramo industrial e agropecuário, destacam-se o cultivo do arroz e a pecuária, além da produção de hortifrutigranjeiros.

**Figura 1 - Município de Eldorado do Sul -RS<sup>4</sup>**



Fonte: Google Mapas, 2019

Como instrumento metodológico foi utilizado para a coleta de dados uma entrevista semiestruturada (Apêndice A). A entrevista semi estruturada teve como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. A fim de ordenar as observações, criou-se um roteiro de observações, com alguns itens, a serem observados e anotados no diário de campo. Nesse diário foram registradas as observações realizadas em cada residência, em cada encontro, e as conversas informais com as entrevistadas.

---

<sup>4</sup> Disponível em disponível em < <https://www.google.com/maps/place/Eldorado+do+Sul+-+RS> >

As entrevistas e encontros tiveram um total de 10 horas e 32 minutos, durante o período de 13 e 14 fevereiro de 2019, no período do turno da tarde das 13:00 às 20:00, com duração média de 70 (cronometrados por relógio) minutos cada entrevista e encontros individuais.

A seleção das participantes para a pesquisa foi realizada por indicação dentro de uma “rede de relações” (VÍCTORA; KNAUTH; HASSEN, 2000, p. 69), onde a informante inicial remeteu a pesquisadora a outras membras da sua rede para investigações consecutivas. A rede de relações teve início quando visitei a primeira agricultora, do Assentamento Irga que conhece grande parte das outras agricultoras residentes no Irga.

No primeiro momento foi apresentado e explicado o projeto da pesquisa juntamente com o questionário sobre a temática sugerida, a partir desse diálogo foi me indicado outras agricultoras, em especial as que participaram alguns anos atrás de um grupo organizado pela Rafinha<sup>5</sup>. O grupo tinha como objetivo, trabalhar a temática das plantas medicinais e sua aplicação em tratamentos e prevenção de doenças.

O percurso iniciou-se a partir da primeira indicação feita pela agricultora e logo após um diálogo introdutório, foi marcada a primeira entrevista. Desse modo, nas visitas domiciliares era questionado se a pessoa gostaria de participar da pesquisa, e se sim, sugeria o dia para as observações e a aplicação do questionário.

Após a primeira conceder e marcar o dia da entrevista, foi novamente sugerido que a primeira participante também pudesse indicar outras pessoas para participar da pesquisa presente. A partir da confirmação da entrevista, as demais participantes também indicaram outras agricultoras, e assim sucessivamente, até que a rede de relações estivesse suficientemente formada para satisfazer os objetivos aqui propostos. A entrevista trata-se de um contato direto, entre a pesquisadora e entrevistada.

No instrumento de coleta de dados constam informações de identificação da participante, perguntas abertas e fechadas. A coleta de dados realizou-se por meio do

---

<sup>5</sup> Rafinha, assim é conhecida pelas mulheres do Assentamento. Durante as entrevistas seu nome foi citado diversas vezes, pois segundo as participantes, a Rafinha introduziu oficinas, palestras e criou um grupo com as mulheres que tinham interesses em comum e queriam aprofundar saberes e trocar experiências sobre as plantas medicinais, as integrantes desse grupo se autodenominam como “bruxinhas”. Coletivamente organizaram uma espécie de “farmacinha” onde produziam um tipo de pomada milagrosa feita a partir de uma série de plantas medicinais como onda do mar e erva de são joão. O grupo durou cerca de 10 anos e as reuniões aconteciam todas as terças-feiras no galpão da comunidade. Conforme relato das participantes, pessoas do Assentamento e da cidade iam até o espaço para comprar as ervas e a pomada milagrosa. Rafinha foi freira e atualmente segundo as participantes mora em Viamão.

preenchimento de um questionário, elaborado pela pesquisadora, composto por vinte e nove perguntas, a fim de que cada mulher entrevistada respondesse livremente sobre as questões.

Os questionários foram preenchidos pela pesquisadora, onde pretendeu coletar informações relevantes sobre o uso de plantas medicinais; tipos de plantas medicinais mais utilizadas e cultivadas; grau de conhecimento; bem como sobre os métodos de acesso e manipulação adotados. O consentimento para participar da pesquisa ocorreu por meio do consentimento e a assinatura dos termos de Autorização de uso de imagem, voz e respectiva cessão de direitos (LEI N. 9.610/98) e Termo de consentimento Livre e Esclarecido, garantindo a privacidade e o sigilo quanto ao seu nome e as informações prestadas.

As participantes foram informadas individualmente, em linguagem acessível e clara, sobre os objetivos da pesquisa, bem como dos benefícios que essa proporcionaria e de que não haveria riscos nem obrigatoriedade de sua participação, além de serem informadas de que a exclusão poderia ser solicitada a qualquer momento da pesquisa.

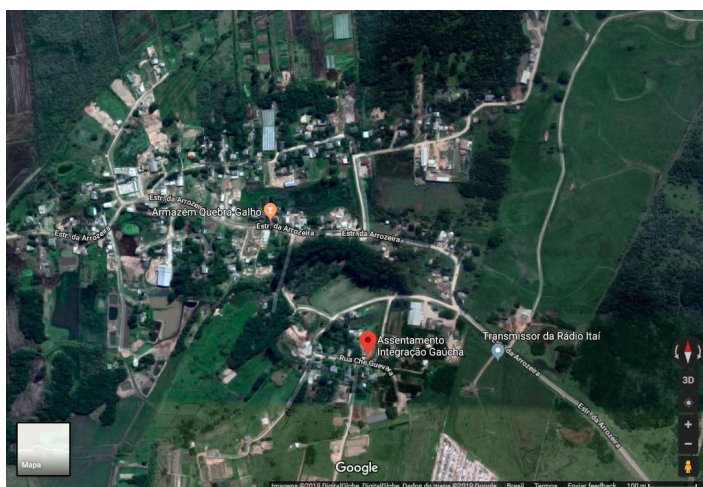
A partir das informações coletadas, buscou-se fazer uma análise qualitativa, com a interpretação dos dados coletados. Realizou-se uma revisão de literatura, por meio de livros, periódicos, artigos e pesquisa na internet, buscando fundamentos sobre as plantas medicinais, Educação do Campo, gênero, mulheres agricultoras, Agroecologia, saberes populares, educação em espaços formais e informais, temas geradores, movimentos sociais camponeses com vistas à sustentação teórica e conceitual do referido estudo.

Em relação às plantas citadas, buscou-se na literatura especializada sobre plantas medicinais, os nomes científicos correspondentes aos nomes populares das plantas, não tendo sido efetuados coletas, nem determinação botânica. Os resultados foram organizados em categorias emergentes, de acordo com as falas dos participantes.



### 3.2 Assentamento Integração Gaúcha

Figura 2 - Assentamento Integração Gaúcha / de Eldorado do Sul -RS



Fonte: Google Maps, 2019

O Assentamento Integração Gaúcha foi criado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária-INCRA em 1992, através da luta de pequenos produtores ligados ao Movimento dos Trabalhadores Sem Terra-MST. É um dos mais antigos assentamentos da região, tem 27 anos, sua área é de aproximadamente 1.997 hectares e conta atualmente com cerca de 60 famílias assentadas. A Agrovila do Assentamento faz fronteira com a área urbana da cidade e por esse motivo vem sofrendo com o aumento da população urbana que ocupa demograficamente o território do Assentamento causando alguns conflitos sociais, ideológicos e territoriais entre assentados, novos moradores e empresas privadas que estão se instalando na área. O Assentamento tem atualmente em seu território além de duas escolas: uma de Educação Infantil e outra de Ensino Fundamental; a Cooperativa dos Trabalhadores Assentados da Região de Porto Alegre Ltda-COOTAP e a Cooperativa Pão da Terra.

A produção agrícola do Assentamento Integração Gaúcha é voltada principalmente para a produção de arroz, hortaliças, vacas, suínos e aves. A COOTAP é a principal responsável em escoar os alimentos produzidos no Assentamento, com foco na alimentação escolar através do Programa Nacional de Alimentação Escolar-PNAE; Prefeituras de outros

Estados a partir de chamadas públicas também comercializam os alimentos para empresas privadas de beneficiamento de arroz e leite.

Existe um número expressivo de hortas onde são produzidos alimentos orgânicos dentro do sistema convencional de agricultura. Os alimentos produzidos no assentamento são em sua grande maioria comercializados nas feiras em Porto Alegre e Programa Nacional de Aquisição de Alimentos-PAA.

#### **4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS**

Nesse item, apresenta-se os dados coletados por meio do questionário aplicado às mulheres do Assentamento Integração Gaúcha em Eldorado do Sul-RS, a fim de identificar as formas de organização e aplicação das plantas medicinais e visando contribuir para a análise da potencialidade dos saberes produzidos por essas mulheres, tal proposta visa, principalmente, colher subsídios para ações relacionadas ao ensino de Ciências da Natureza em uma perspectiva da Educação do Campo.

##### *4.1 Participantes da Pesquisa*

A análise partiu das leituras da obra da autora Minayo (1994, p. 18), a fim de “explicar e compreender um fenômeno” e a partir de experiências e vivências junto do Assentamento Irga através de atividades desenvolvidas em tempo comunidade desde 2015 através do curso de Licenciatura em Educação do Campo - Ciências da Natureza e anteriormente como trabalhadora assalariada na COOTAP durante o período de 2011 a 2015. Essas inserções me possibilitaram além do aprendizado, reflexões voltadas a respeito das autoras e autores que protagonizam e constroem o cotidiano local do Assentamento.

Enquanto estudante e participante dos diversos processos educativos que nascem da prática social e do trabalho com a terra, minha maior aproximação foi com as mulheres assentadas e juventude. Essa trajetória pode ser afirmada na participação social, partindo do respeito e do diálogo como princípio orientador e sendo manifestadas em diversos espaços educativos formais e não formais, como em trabalhos em hortas, feiras, festas e atividades integrativas da comunidade, reuniões dos grupos gestores na Cooperativa COOTAP, atividades na Escola Estadual de Ensino Médio Eldorado do Sul, encontros e atividades de luta do MST, entre outras.

Essas participações além de contribuírem com a minha formação profissional e educativa me auxiliam e me oportunizam possíveis diálogos e articulações de diversos saberes e na construção de novos conhecimentos através da pesquisa.

O material analisado foi constituído por 4 entrevistas, isto é 4 pessoas que aceitaram colaborar com a investigação. As mulheres que aceitaram residem em sua totalidade no Assentamento Integração Gaúcha a mais de 23 anos, tendo entre 39 e mais de 58 anos de idade, com escolaridade mínima do Ensino Fundamental incompleto e Ensino Médio Completo, com naturalidade em Crissiumal, Paim Filho, Tenente Portela e Três Passos, cidades localizadas na mesorregião noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

Na questão 29 no questionário, foi sugerido às entrevistadas relatos sobre as suas histórias pessoais como agricultoras. A partir desta pergunta as participantes fizeram um resgate do que é ser agricultora, tal modo que as participantes manifestaram lembranças antes de ir acampar e do início da suas trajetórias como mulheres sem terra.

Sendo assim, todas as assentadas vieram de ocupações de terra improdutivas organizadas pelo MST. A identidade de sem terra é marcante em todas as falas e expressões de sentimentos e emoções, desde o tempo em que permaneceram acampadas até a conquista da terra para se morar e produzir. As histórias de vida destas mulheres se cruzam por um caminho de lutas e sobrevivências.

As entrevistadas relatam que a chegada e a ocupação na área em que estão atualmente, foi de dificuldades e resistência, com um solo infértil, ainda embaixo das lonas pretas e sem recursos para as necessidades básicas como de água potável e saneamento básico. Algumas das entrevistadas relatam que por alguns períodos tiveram que trabalhar na cidade como faxineiras, domésticas e vendedoras no comércio.

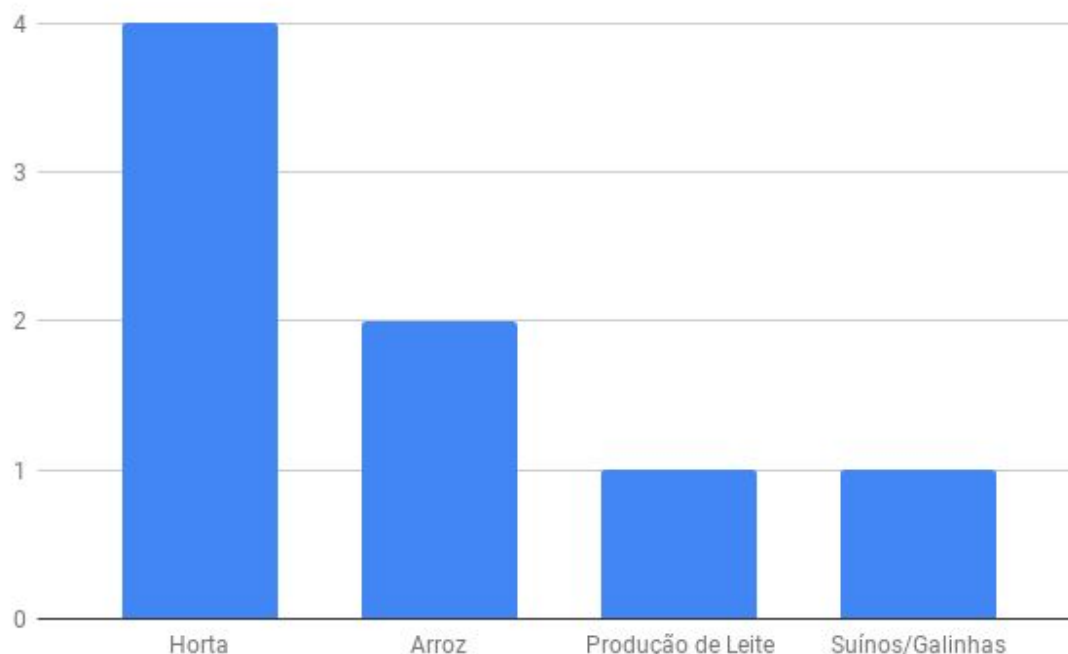
A primeira etapa, segundo as participantes foi de maior dificuldade mas que ainda hoje existe dificuldades e incertezas sobre o futuro, já que a terra em que elas trabalham e moram, de onde tiram sua subsistência é uma concessão de uso do estado, algumas acreditam que ainda terão a titulação das terras. Outras participantes temem que possam perder o direito de plantar na área, questionadas porque temiam responderam que temiam por motivos e interesses políticos do estado.

#### 4.2 Cultivo e Utilização de plantas medicinais

Buscando diagnosticar a potencialidade dos saberes acerca das plantas medicinais entre as mulheres do Irga, foi questionado inicialmente qual o tipo vínculo e produção que predominava nas principais atividades agrícolas da família, se existia algum modelo de calendário de cultivo e qual modelo de produção as atividades agrícolas estavam inseridas.

Ainda foi perguntado se as plantas medicinais eram cultivadas e produzidas por elas e se as mesmas eram comercializadas, o questionário também abordou sobre o uso e o papel das plantas medicinais em suas vidas. Segue os gráficos quantitativos conforme as respostas das participantes:

**Tabela 1 - Principais Atividades Agrícolas da família:**



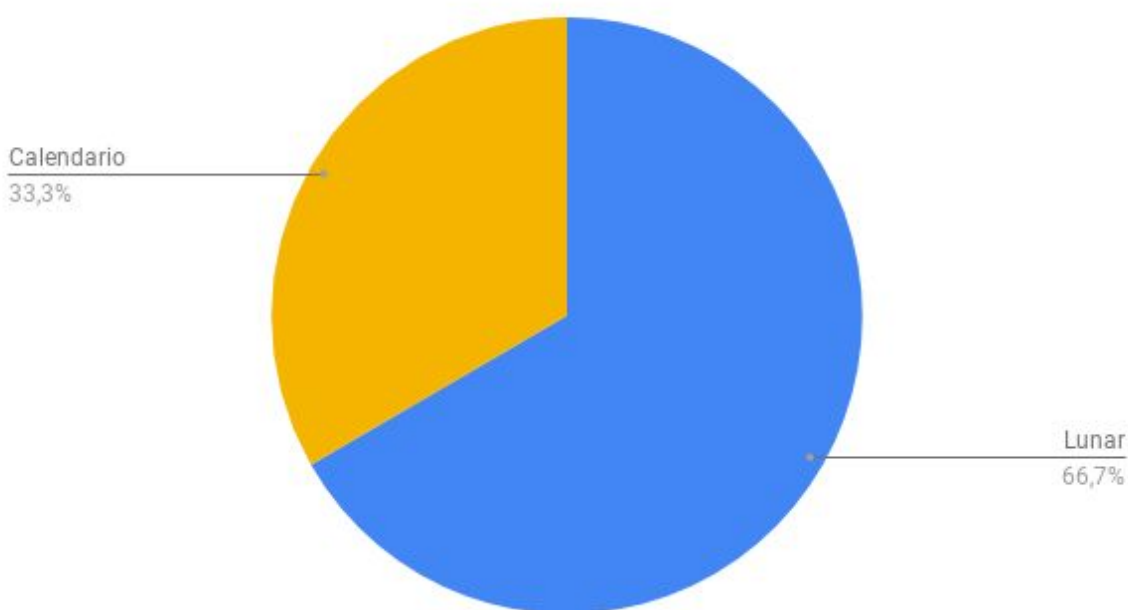
Fonte: Dados da Pesquisa, 2019

Através do gráfico 1, é possível perceber que as atividades agrícolas da família destas mulheres giram em torno de quatro linhas de produção a) horta, b) arroz, c) produção de leite, d) suínos/galinhas, tendo destaque para a horta e a produção leiteira e de galinhas, onde a predominância do trabalho é das mulheres. É possível aproximar as leituras do referencial teórico com a diferente classificação que existe em relação do trabalho com a terra entre homens e mulheres, que como já comentado, são processos que foram construídos ao longo

dos períodos históricos e que configuram diferentes dimensões de conhecimentos produzidos e organizados através das interações com a natureza. Também podemos identificar pelas respostas que essas famílias são produtores tradicionais ou pré modernos que segundo Toledo, Victor “é possível observar a partir da pequena escala e da diversidade de produção” (2015, p. 63).

**Tabela 2 -Calendário de Cultivo:**

### Calendário de Cultivo



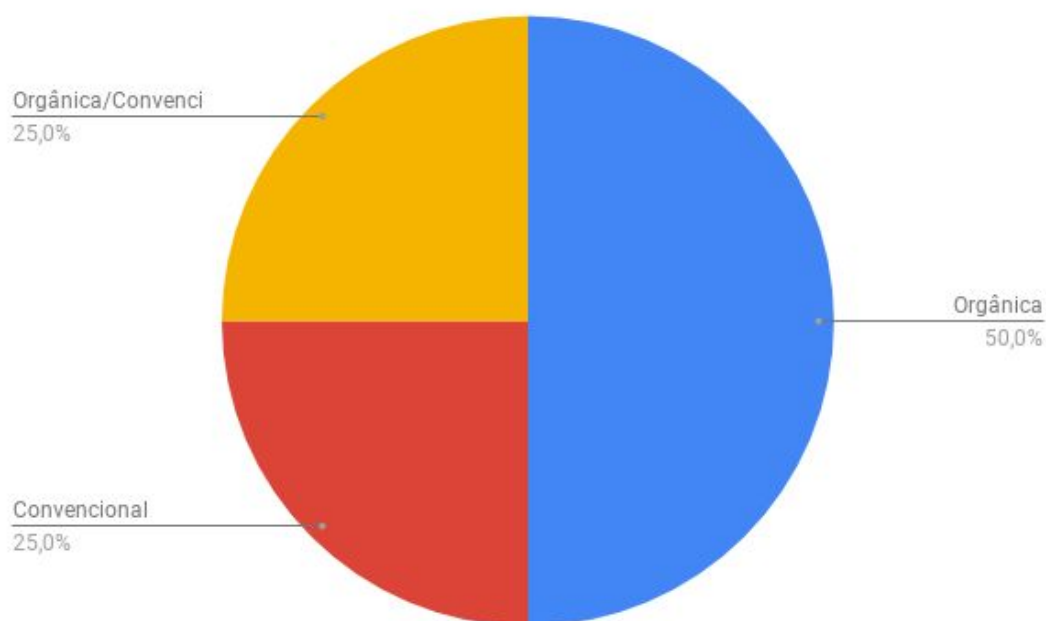
Fonte: Dados da Pesquisa, 2019

A pergunta referente ao calendário teve como objetivo identificar como a observação de elementos e fenômenos naturais estão interligados ou não no cultivo de alimentos e nas atividades agrícolas em que as entrevistadas estão inseridas. É possível visualizar que a Lua tem influências predominante para ciclos de semeadura e colheita. Toledo e Barrera-Bassols (2015, p. 99) dizem que

em geral, a observação dos corpos celestes permite que o agricultor tradicional faça o registro do tempo. Os ciclos discernidos no movimento dos astros dão origem a calendários astronômicos, que operam como relógios celestes. O ciclo anual formado a partir das posições dos astros está assim relacionado ao regime de chuvas; o nível dos rios, lagos e outros corpos d'água; os recursos e as fases agrícolas, pecuárias, pesqueiras e de coleta e caça; e diversos fenômenos biológicos, como a floração e a frutificação das plantas ou os ciclos de vida das espécies animais (terrestres e aquáticas).

É também possível afirmar que o calendário Lunar tem um papel importante nos processos de organização e aplicação dos saberes produzidos através de processos pedagógicos dentro dos sistemas de cultivo e produção dentro das atividades agrícolas conduzidas pelas mulheres entrevistadas.

**Tabela 3 - Formas de cultivo:**

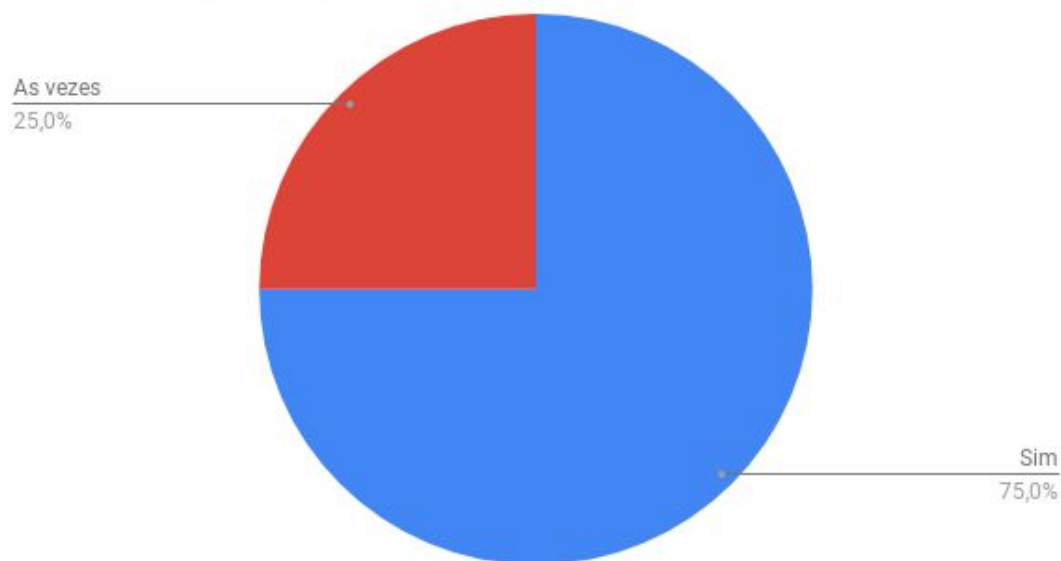


Fonte: Dados da Pesquisa, 2019

Podemos perceber que a técnica de cultivo tem predominância em dois modelos: a convencional e a orgânica. A forma de cultivo aqui nomeada como convencional se refere a uma agricultura, caracterizada sobretudo pelo uso indiscriminado de agrotóxicos, monocultivo de espécies, utilização de maquinário pesado para a produção. Já a agricultura orgânica aqui é compreendida como a não utilização de agrotóxicos, auto sustentação da propriedade agrícola no tempo e no espaço, a maximização dos benefícios sociais para o agricultor, a minimização de recursos naturais.

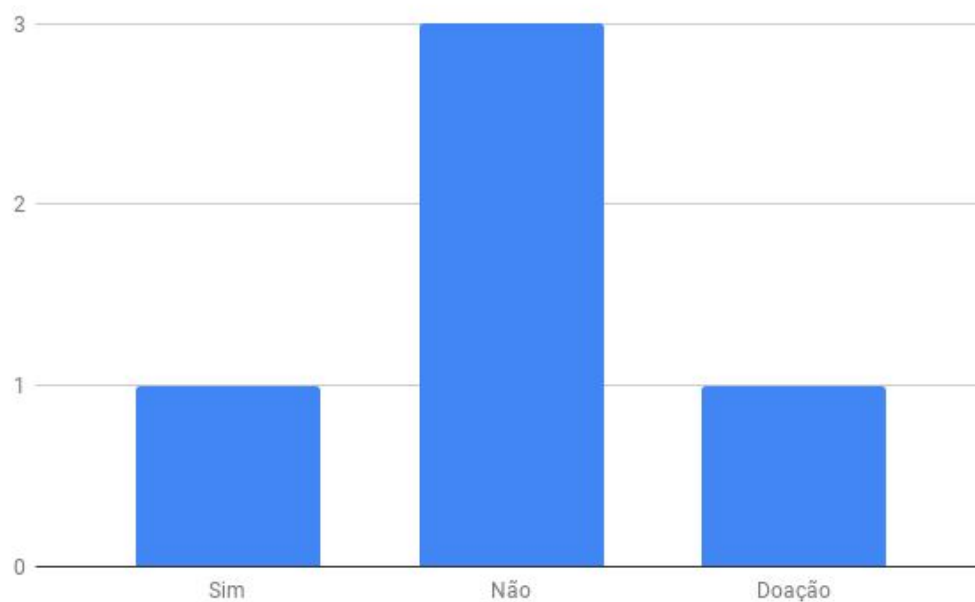
**Tabela 4 - Uso e produção de plantas medicinais:**

**Você usa e produz plantas medicinais?**



Fonte: Dados da Pesquisa, 2019

**Tabela 5 - Comercialização de plantas medicinais:**



Fonte: Dados da Pesquisa, 2019

Nos gráficos 4 e 5 as questões tiveram como objetivo, compreender a relação entre a produção e a articulação de saberes locais com o desenvolvimento econômico ligados ao uso, cultivo e comercialização de plantas medicinais. Foi possível analisar que ainda as mulheres

têm dificuldades em articular seus conhecimentos sobre as plantas medicinais com dimensões ligadas a geração de renda e desenvolvimento sustentável e como para transição agroecológica, como já apontado nos gráficos anteriores no que se refere ao cultivo orgânico e convencional.

### 3.3 Finalidade do uso de plantas medicinais pelas mulheres assentadas

Verificou-se que todas as mulheres pesquisadas utilizam plantas medicinais frequentemente para ajudar no tratamento de doenças e para ocasiões de espiritualidade no caso de uma entrevistada que utiliza as plantas medicinais para benzimento. Foi verificado que o uso das plantas medicinais para fins de saúde e bem estar estão presentes na vida das mulheres entrevistadas desde a infância, e ainda acreditam que as plantas medicinais podem curar, amenizar, diminuir sintomas, auxiliar e prevenir enfermidades. As plantas medicinais mais conhecidas, usadas e cultivadas pelas participantes são:

**Tabela 1 - Plantas Mediciniais cultivadas conhecidas e mais usadas**

(continua)

<i>Cultivadas</i>	<i>Mais Usadas</i>
Alecrim ( <i>Rosmarinus officinalis</i> )	Alecrim
Babosa ( <i>Aloe vera</i> )	Gengibre
Boldo ( <i>Plectranthus barbatus</i> )	Flor de São João
Camomila ( <i>Matricaria chamomilla</i> )	Marcela
Espinheira Santa ( <i>Maytenus ilicifolia</i> )	Onda do Mar
Flor de São João ( <i>Pyrostegia venusta</i> )	Penicilina
Funcho ( <i>Foeniculum vulgare</i> )	Pulmonária
Gengibre ( <i>Zingiber officinale</i> )	Salsa Parrilla
Guiné ( <i>Petiveria alliacea</i> )	Tanchagem
Hortelã ( <i>Mentha</i> )	Violeta de Jardim
Ipê ( <i>Handroanthus impetiginosus</i> )	
Malva ( <i>Malva</i> )	

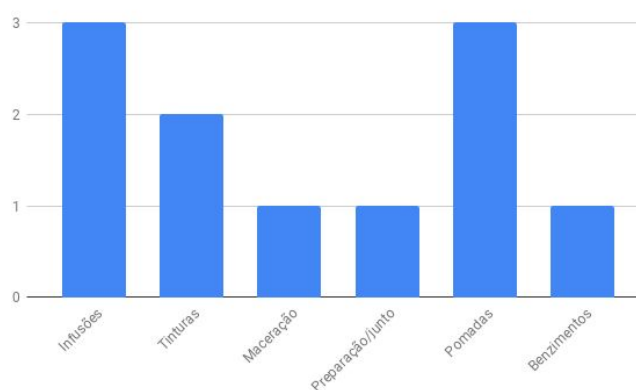


Macela ( <i>Achyrocline satureioides</i> )	
Mil em Rama ( <i>Achillea millefolium</i> )	
Onda do Mar ( <i>Tradescantia Zebrina</i> )	
Penicilina ( <i>Alternanthera brasiliana</i> )	
Pulmonária ( <i>Pulmonaria officinalis</i> )	
Salsaparrilha ( <i>Smilax aspera</i> )	
Tanchagem ( <i>Plantago major</i> )	
Violeta de Jardim ( <i>Saintpaulia ionantha</i> )	

Fonte: Dados da Pesquisa, 2019

Perguntado como era o modo de preparação e como eram usadas as plantas medicinais, todas as entrevistadas responderam que a preparação das plantas ocorria em forma de infusões, pomadas, tinturas, maceração e na preparação/junto de outros alimentos e em um caso para os benzimentos.

**Tabela 7 - Principais usos das plantas medicinais:**



Fonte: Dados da Pesquisa, 2019

### *3.4 Formas de acesso às plantas medicinais e conhecimentos acerca do uso de plantas medicinais*

Através do questionário foi possível observar que as plantas medicinais (mudas, ramos, sementes, flores,...) são adquiridas em sua maioria no quintal de casa, supermercados, feiras e Mercado Público de Porto Alegre. As plantas medicinais adquiridas fora do lote tem como justificativa, conforme uma participante que “são difíceis de encontrar e plantar no Assentamento” (participante 02), as plantas medicinais também são adquiridas com vizinhos, amigos e familiares.

Quando perguntado se era procurado um profissional de saúde ou outra pessoa como técnicas e técnicos de assistência e desenvolvimento rural que pudesse repassar mais informações sobre as plantas medicinais, as participantes responderam que às vezes sim, mas a aprendizagem e as informações vinham através das práticas ministradas pela Rafinha, através de cursos, livros e conversando com outras mulheres, e que ainda muitas informações sobre as plantas medicinais vem junto delas desde suas infâncias.

Todas responderam afirmativamente que tem como costume de repassar informações sobre as plantas medicinais e a principal forma é através de conversas e de quem vem procurar mais informações a respeito.

Sobre a participação em cursos sobre a temática, uma participante respondeu negativamente, as outras entrevistadas participaram de pelo menos um curso com a temática de plantas medicinais oferecidos pela Rafinha, EMATER e outras entidades sociais ou religiosas.

A fim de ligar a produção de saberes, o protagonismo e o desenvolvimento econômico na vida das participantes e a sua autonomia em relação a trabalho e renda, quando perguntado se as agricultoras conheciam a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no Sistema Único de Saúde - SUS, as respostas foram negativas, mostrando ainda a falta de articulação entre a comunicação/informações destas mulher a respeito de políticas e programas públicos ligados às plantas medicinais.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo possibilitou a identificação parcial de aspectos relevantes em relação a organização e aplicação dos saberes locais produzidos pelas mulheres agricultoras em relação a plantas medicinais. Frente ao conhecimento, a estes saberes, abre-se um espaço também para se discutir a temática como um ponto motivador para a integração do ensino da Educação do Campo Ciências da Natureza com a prática cotidiana de produção e aplicação dos saberes dessas mulheres assentadas.

Nesse contexto, também foi possível observar, durante a aplicação do questionário e durante as visitas de observações, que em alguns momentos surgiram em meio aos diálogos assuntos e experiências pessoais relacionadas com a temática das plantas medicinais, mas cada uma das entrevistadas mostrou formas diferentes de expressar sua forma de produção e organização dos conhecimentos obtidos acerca das plantas medicinais.

Pode se então notar, que o conhecimento é produzido e organizado na prática individual e compartilhado no cotidiano através de relatos e experiências pessoais. Todelo e Barrera-Bassols (2015) trazem que o repertório de conhecimentos em uma única mente se projetam em duas dimensões: o espaço e o tempo e esse fenômeno resulta em um processo histórico de acumulação e transmissão de conhecimentos que tem na sua dimensão espacial "a expressão individualizada de uma bagagem cultural que, dependendo da escala, se projeta a partir da coletividade à qual tal agricultor pertence: o núcleo ou a unidade familiar, a comunidade rural, e enfim o grupo étnico ou cultural (2015, p 93, 95).

Ainda comentam que

No seio familiar, o conhecimento é compartilhado e matizado de acordo com o sexo e idade, sendo que cada membro da casa realiza atividades específicas que conferem ao conhecimento sua própria particularidade. Nos outros espaços sociais, a variação do conhecimento coletivamente compartilhando, se expressa em função de cada núcleo familiar, cada comunidade específica cada região e, finalmente, em função da identidade obtida pelo pertencimento a um determinado grupo cultural ou etário, geralmente diferenciado pela língua (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015, p 93).

Assim é imprescindível um olhar crítico e sensível para a realidade dos povos do campo e mais precisamente reconhecendo as particularidades que os cercam, tal como as desigualdades raciais, sociais e de gênero presentes.

Paulo Freire (1997, p 32) em seu livro *Pedagogia da Autonomia* comenta que o ensinar exige pesquisa: "Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino." Sendo assim é de extrema importância que a pesquisa esteja presente na prática educativa e que, além do respeito à autonomia do ser do educando precisamos também em nossa prática educativa respeitar os saberes dos educandos, que conforme Freire (1997, p 33): "saberes socialmente construídos na prática comunitária - mas também como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos.

Através da pesquisa e do ensino de Ciências da Natureza, é possível articular numerosos caminhos para práticas educativas que contribuam e interajam com os muitos elementos que constituem a formação do conhecimento das mulheres agricultoras assentadas do Irga e que estão inseridas em diferentes realidades que compõem a totalidade do meio camponês.

Ao buscar metodologias e didáticas a partir da prática cotidiana das mulheres assentadas, a temática das plantas medicinais podem servir como fio condutor para a prática interdisciplinar de uma Educação do Campo pautada na autonomia, valorização e preservação dos modos de existir dessas mulheres que organizam e constroem seus saberes próprios na essência da vida cotidiana e nas suas relações com a natureza. Deste modo é vital que o ensino de Ciências da Natureza vise contribuir, articular e a construir elementos que auxiliem na compreensão acerca do mundo em que essas mulheres vivem, o seu bem estar e qualidade de vida.

Indicadores temáticos de ensino/aprendizagem podem ser uma forma para se refletir sobre o uso da interdisciplinaridade, na temática plantas medicinais introduzindo-a como elemento para a Educação do Campo - Ciências da Natureza.

**Tabela 08: Possíveis indicadores temáticos de ensino/aprendizagem para a Educação do Campo Ciências da Natureza através das Plantas Medicinais**

- As plantas medicinais nativas.
- O Assentamento e seus recursos medicinais.
- A diversidade das plantas medicinais
- Hortas Medicinais
- O saber medicinal da comunidade
- Qualidade de vida
- Alimentação e saúde
- Gênero e trabalho
- Violência das mulheres camponesas
- Preservação e Reprodução da vida
- Autonomia das mulheres
- Auto cuidado individual e coletivo
- O uso de agrotóxicos na produção de plantas medicinais
- Sustentabilidade
- Agroecologia

Fonte: Dados da Pesquisa, 2019

O quadro apresentado procura levantar alguns possíveis indicadores temáticos que surgem quando se busca através da pesquisa de campo, facilitadores para a efetivação da Educação do Campo - Ciências da Natureza e seus conteúdos programáticos junto dos povos tradicionais do campo.

O presente quadro tem como objetivo instigar o convite a uma reflexão do papel fundamental da Educação do Campo<sup>6</sup> e o ensino por temáticas<sup>7</sup>, no sentido de conectar através

---

<sup>6</sup> Conforme CALDART, 2012, p. 257: Partindo do protagonismo dos povos do campo, a Educação do Campo é o fruto de lutas históricas enfrentadas pelos diferentes povos que compõem um fenômeno da realidade brasileira atual, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas. Objetivo e sujeitos a remetem às questões do trabalho, da cultura, do conhecimento e das lutas sociais dos camponeses e ao embate (de classe) entre projetos de campo e entre lógicas de agricultura que têm implicações no projeto de país e de sociedade e nas concepções de política pública, de educação e de formação humana.

da investigação, conteúdos previstos com a diversidade de saberes locais que constituem os povos camponeses, e nesse caso os saberes que circulam em torno da temática plantas medicinais na vida das mulheres participantes da presente pesquisa.

O uso desses instrumentos/indicadores temáticos é um desafio para todos nós, empenhando-se em um processo em que a educação é um dos pilares para a manutenção e preservação da existência dos povos camponeses.

Apesar dos desafios e limites, a presente pesquisa oportunizou um maior aprofundamento e aproximação em articular conhecimentos adquiridos e construídos durante a minha trajetória no Curso de Licenciatura em Educação do Campo - Ciências da Natureza com situações presentes no cotidiano das participantes.

Por intermédio dos tempos Comunidades e tempos Universidades propostos pelo curso, houve um amadurecimento referente a importância de relatar, reforçar e ampliar o protagonismo das mulheres assentadas na produção, organização e aplicação de conhecimentos acerca da natureza.

---

<sup>7</sup> Para Paulo Freire 1970, p. 42: O que se pretende investigar, realmente, não são os homens, como se fossem peças anatômicas, mas o seu pensamento- linguagem referido à realidade, os níveis de sua percepção desta realidade, a sua visão do mundo, em que se encontram envolvidos seus “temas geradores”.

## 6. REFERÊNCIAS

ALAMBERT, Zuleika. A mulher na história. A história da mulher. Fundação Astrogildo Pereira/FAP; Abaré. 2004 .

Disponível em: [https://issuu.com/abare.editorial/docs/a\\_mulher\\_na\\_hist\\_\\_ria\\_-\\_zuleika\\_ala](https://issuu.com/abare.editorial/docs/a_mulher_na_hist__ria_-_zuleika_ala).

ALMEIDA, MZ. Plantas Medicinais [online]. 3rd ed. Salvador: EDUFBA, 2011. ISBN 978-85-232- 1216-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>.

ALVES. F. Lucio; Produção de Fitoterápicos no Brasil: História, Problemas e Perspectivas - Revista Virtual de Química Aceito para publicação em 1 de julho de 2013.

ARROYO, Miguel Gonzalez e FERNANDES, Bernardo Mançano - A educação básica e o movimento social do campo / Miguel Gonzalez Arroyo e Bernardo Mançano Fernandes. – Brasília, DF: Articulação Nacional Por Uma Educação Básica do Campo, 1999. Coleção Por Uma Educação Básica do Campo, n.º 2.

AZEVEDO, Elaine de. Alimentos orgânicos: ampliando os conceitos de saúde humana, ambiental e social/Eliane de Azevedo. - São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2012.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Presses Universitaires de France; 2008.

BIEHL, JANET. A mulher e a natureza: uma mística recorrente. 2011. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/a-mulher-e-a-natureza-uma-mistica-recorrente/>.

Acessado em 25/02/2019.

CALDART, R. Educação do Campo. In: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTO, G. Dicionário da educação do campo. São Paulo: Expressão popular, 2012.

Claudia Korol, Somos tierra, semilla, rebeldía. Mujeres, tierra y territorio en América Latina, GRAIN-Acción por la Biodiversidad-América Libre, 2016, pp. 180.

Críticas ambientalistas à Revolução Verde\* - Roberto José Moreira - Estudos Sociedade e Agricultura, 15, outubro 2000: 39-52.

Cidades/IBGE. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/eldorado-do-sul/panorama> Acessado dia 24/02/2019

Educação do Campo: campo- políticas públicas – educação / Bernardo Mançano Fernandes ... [et al.] ; organizadora, Clarice Aparecida dos Santos. -- Brasília : Incra ; MDA, 2008 109 p. ; 19cm -- (NEAD Especial ; 10).

ELDORADO DO SUL. WIKIPEDIA. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Eldorado\\_do\\_Sul](https://pt.wikipedia.org/wiki/Eldorado_do_Sul) Acessado dia 24/02/2019.

Experiências e Diálogos em Educação do Campo. /Kelma Socorro Alves Lopes de Matos, Carmem Rejane Flores Wizniewsky et al. [organizadores]. - Fortaleza: Edições UFC, 2010.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (org). O Que é interdisciplinaridade? — São Paulo: Cortez, 2008.

FERNANDES, Bernardo M.; CERIOLI; Paulo R.; CALDART, Roseli S. Primeira Conferência Nacional “Por Uma Educação Básica do Campo”, 2004.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. 17º ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, Loreley. A Relação da Mulher e a Natureza: laços e nós enredados na teia da vida.. Gaia Scientia - Revista do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Paraíba, v. 3, n. 1, p. 11- 16,. 2009. ISSN 1981-1268.



"medicinal", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://dicionario.priberam.org/medicinal> [consultado em 24-01-2019].

MOREIRA, José Roberto. Críticas ambientalistas à Revolução Verde. Texto apresentado no X World Congress of Rural Sociology – IRSA e no XXXVII Brazilian Congress of Rural Economic and Sociology – Sober, Workshop n. 38. Greening of agriculture. Rio de Janeiro, 2000.

“Mulher e Natureza”: dos sentidos da dominação no capitalismo e no sistema patriarcal-

MARIA BETÂNIA ÁVILA. Disponível em:

<http://soscorpo.org/wp-content/uploads/Livro-Mulher-Trabalho-e-Justi%C3%A7a-Socioambiental.pdf#page=25>.

Mulheres, trabalho e justiça socioambiental/ Rivane Arantes e Vera Guedes (Orgs.). – Recife: SOS CORPO – Instituto Feminista para a Democracia, 2010.

Manual ABNT: regras gerais de estilo e formatação de trabalhos acadêmicos. Organizado por Brito, Ferreira de Gisele; Choi, Picanço Vania; Almeida, de Andreia. 4ª edição. Revisada e Ampliada. São Paulo, 2014.

PACHECO, Juliana (Org.). Mulher e filosofia: as relações de gênero no pensamento filosófico. [recurso eletrônico] / Juliana Pacheco (Org.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2015.

"planta", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://dicionario.priberam.org/planta> [consultado em 24-01-2019].

O Que é interdisciplinaridade? / Ivani Fazenda (org.). —São Paulo : Cortez, 2008.

PIRES, Maria Joaquina Pinheiro. Aspectos Históricos dos recursos genéticos das plantas medicinais. Rodriguésia. Rio de Janeiro, 36(59):61-66, abril/jun.1984.

Projeto popular e escolas do campo / César Benjamin e Roseli Salette Caldart. - Brasília, DF: Articulação Nacional Por uma Educação Básica do Campo, 2000. Coleção Por uma Educação Básica do campo, n° 3.

RIBEIRO, Darcy. O Povo Brasileiro A formação e o sentido do Brasil. Companhia das Letras - 1995. São Paulo Segunda edição.

SÁNCHEZ, Vásquez, Adolfo. Filosofia da Práxis - 2ª ed. - Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - Clacso: São Paulo: Expressão Popular, Brasil, 2011.

SANTOS, Cláudio Eduardo Félix dos; PALUDO, Conceição; OLIVEIRA, Rafael Bastos Costa de. Concepção de educação do campo. In: Cadernos didáticos sobre educação no campo UFBA. Universidade Federal da Bahia. 2010.

SANTOS, Edinéia Oliveira dos; NEVES, Márcia Luzia C. In: EDUCAÇÃO DO CAMPO E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL: reflexões e proposições. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. 2012.

SOUZA, Maria Antônia de. Educação do campo: propostas e práticas pedagógicas do MST/ Maria Antônia de Souza. - Petrópolis, Rj, 2006.

TORRES, Julio Cesar; FERNANDES, Silvia Aparecida de Sousa; SILVA, Cláudio Rodrigues da; MORAES Agnes Iara Domingos in FORMAÇÃO DE PROFESSORES E TERRITORIALIDADE: QUESTÕES ELEMENTARES NA EDUCAÇÃO DOS POVOS DO CAMPO.

TORRES, Patrícia Garcia Vilar. Plantas medicinais, aromática e condimentares: uma abordagem prática para o dia-a-dia/Patrícia Garcia Vilar Torres. - Porto Alegre: Editora Rígel, 2005.

VICTOR M. Toledo; BASSOLS; A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais; tradução [de] Rosa L, Peralta. - 1.ed - São Paulo: Expressão Popular,2015.

VÍCTORA, C. G.; KNAUTH, D. R.; HASSEN, M. de N. A. Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo Editorial, p. 60-77, 2000.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A - Entrevista semi estruturada

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul Faculdade de Educação Curso de  
Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza**

*Como são organizados e aplicados os saberes locais acerca do uso e cultivo de plantas  
medicinais das mulheres agricultoras do Assentamento do Irga ?*

**1. Qual seu nome?**

**2. Qual é a sua idade ?**

- 18 a 28
- 29 a 38
- 39 a 48
- 49 a 58
- mais que 58

**4. Qual é sua escolaridade?**

- analfabeto
- sei ler e escrever (alfabetizado)
- ensino fundamental incompleto
- ensino fundamental completo
- ensino médio incompleto
- ensino médio completo
- ensino superior incompleto
- ensino superior completo
- outro: \_\_\_\_\_

**5. Qual a sua naturalidade?**

**6. Quanto tempo faz que mora no Assentamento Integração Gaúcha?**

**7. De que forma você se organiza e interage com as outras mulheres do Assentamento Irga?**

- Atividades religiosas
- Grupos Gestores
- Atividades ligadas ao Movimento Sem Terra
- Outros

**8. Quais são as principais atividades agrícolas da família?**

**9. A produção agrícola é?**

- Convencional
- Orgânica

**10. É utilizado algum calendário de cultivo?**

- Lunar
- Biodinâmico
- Calendário Convencional

Outro: \_\_\_\_\_

**13. Você usa e produz plantas medicinais\*?**

- sim
- as vezes
- não

*\* Se sua resposta foi não para o uso de plantas medicinais, encerra-se o questionário.*

**14. Você cultiva plantas medicinais para a comercialização?**

- sim
- às vezes
- não

**15. Quais são as formas de comercialização das plantas medicinais?**

- feiras
- mercados
- Programas como PAA e Merenda Escolar

outros: \_\_\_\_\_

**16. E com relação a saúde, as plantas medicinais:**

- podem ajudar o tratamento de doenças
- podem atrapalhar o tratamento de doenças
- não interferem no tratamento convencional

**17. Há quanto tempo você usa plantas medicinais?**

- sempre usei plantas medicinais
- desde que fui diagnosticado(a) com alguma enfermidade
- outro:

**18. Por que você usa plantas medicinais?**

- porque acredito que as plantas medicinais podem me curar
- para amenizar os efeitos colaterais de alguma enfermidade
- para diminuir os sintomas de enfermidades
- para auxiliar no tratamento de alguma enfermidade
- para prevenir alguma enfermidade
- outro:

**19. Quais plantas medicinais você conhece?**

---

---

---

**20. Dentre estas plantas, quais você mais utiliza?**

---

---

**21. Quem te recomendou usar esta(s) planta(s) medicinal(is)?**

- amigos/vizinhos
- familiares
- médico
- enfermeiro
- farmacêutico
- meios de comunicação (televisão, jornais, revistas, internet)
- outro:

**22. Você se informa sobre a planta medicinal com um profissional de saúde ou outra pessoa antes de usá-la?**

- sim
- as vezes
- não

**23. Onde você adquire as plantas medicinais que usa?**

- comprando mudas e cultivando em casa
- com vizinhos, amigos ou familiares
- no quintal de casa
- no supermercado, mercados ou feiras
- em lojas de produtos naturais
- em farmácias
- outro(s): \_\_\_\_\_

**24. Você tem o costume de repassar informações sobre as plantas medicinais para outras pessoas?**

- sim
- Não

Se sim de que forma? \_\_\_\_\_

**25. Já participou de algum curso sobre plantas medicinais?**

- sim
- não

Se sim, qual?

**26. Conhece a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS?**

- sim
- não

**27. Você já substituiu algum remédio por plantas medicinais?**

- sim
- não

**Obrigada por participar da entrevista**